



11 DE JUNHO DE 2015

Quinta-feira

- **MONTADORA APELA A 'MILAGRE' PARA VENDER CARROS**
- **ECONOMIA BRASILEIRA DEVE ENCOLHER 1,3% NESTE ANO, DIZ BANCO MUNDIAL**
- **CURITIBA TEM A MAIOR INFLAÇÃO DO PAÍS**
- **GM CONCEDE FÉRIAS COLETIVAS A MAIS 9 MIL EMPREGADOS NO BRASIL**
- **VSB PARALISARÁ LAMINADOR DE TUBOS DE AÇO SEM COSTURA**
- **TUPER INVESTE EM LINHA PRÓPRIA PARA REVESTIMENTO DE TUBOS**
- **CSN PRODUZ VERGALHÃO USANDO PLACA DE ACIARIA LD**
- **INDÚSTRIA DE PRODUTOS EM AÇO INOX FECHA UNIDADE NO BAIRRO SERRARIA**
- **VALE PREVÊ CUSTO DA TONELADA DO MINÉRIO ENTRE US\$ 37 E US\$ 41**
- **VALE PROJETA QUEDA NA PRODUÇÃO DE MINÉRIO FERRO DE ALTA QUALIDADE NA CHINA EM 2015**
- **MERCADO GLOBAL DE MINÉRIO DEVE CRESCER 3,5% EM 2015, PREVÊ VALE**
- **IMPORTAÇÃO DE MINÉRIO NO MERCADO TRANSOCEÂNICO ATINGIRÁ 1,44BI/T, DIZ VALE**
- **FIAT-GM DOMINARIA 38% DAS VENDAS NO PAÍS**
- **PRODUÇÃO DE MOTOS É A PIOR EM DEZ ANOS**
- **INFLAÇÃO ACUMULA ALTA DE 8,47% EM 12 MESES, MAIOR ÍNDICE DESDE 2003**
- **CÂMBIO AJUDA INDÚSTRIA A MANTER PREÇO MAIS BAIXO QUE IMPORTADO**
- **ECONOMIA BRASILEIRA SEGUE ATRATIVA, DIZ GOLDMAN SACHS**
- **PREÇOS DE INSUMOS IMPORTADOS E DA ENERGIA PUXAM A ALTA DE 0,8% NOS CUSTOS DA INDÚSTRIA**
- **ANFAVEA REDUZ ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO E VENDAS DE 2015**

▪ ZF NACIONALIZA EIXOS PARA MÁQUINAS DE CONSTRUÇÃO

CÂMBIO Em 02/06/2015		
	Compra	Venda
Dólar	3,137	3,137
Euro	3,523	3,524

Fonte: BACEN

Montadora apela a 'milagre' para vender carros

11/06/2015- Fonte: Gazeta do Povo

A indústria automobilística está apelando a "milagres" para vender carros, depois de registrar um tombo de 20,9% nas vendas. De janeiro a maio foram comercializados 1,106 milhão de veículos, ante 1,399 milhão em 2014. Em razão da fraca demanda, as empresas estão ampliando cortes na produção com férias coletivas, folgas e lay-off (suspensão de contratos) dos trabalhadores.

A General Motors, marca que mais tem investido em ações promocionais, iniciou ontem campanha que libera o consumidor de pagar quatro prestações do financiamento, no valor de até R\$ 1,5 mil cada, se ele perder o emprego na vigência do plano. A empresa exige vínculo empregatício mínimo de um ano.

Denominada "milagre", a campanha na mídia apela para São Caetano – santo que dá nome à cidade onde está a sede da montadora, no ABC paulista – para ajudar a economia a melhorar. No filme publicitário, famílias, executivos, jovens e freiras, em coro, afirmam que "pediram com fé e o milagre aconteceu", citando "descontos impossíveis" oferecidos pela marca.

Entre as opções da compra estão o financiamento em 24 parcelas, com 60% de entrada ou em 60 prestações, sem entrada. No primeiro caso, um modelo Ônix LT 1.0, por exemplo, pode ser adquirido por R\$ 25.746 de entrada e 60 parcelas de 734,96, com juro zero. Na segunda opção, um Ônix LS é oferecido em 60 vezes de R\$ 1.129, com juro de 1,94% ao mês.

"A Chevrolet entende o momento que o Brasil vive e mostra que está ao lado do consumidor, buscando sempre as melhores alternativas para que ele não deixe de concretizar seus planos", diz, em nota, Rafael Santos, diretor nacional de vendas da GM.

Nos primeiros cinco meses do ano, as vendas da GM caíram 25,1% em relação a 2014. A concorrente Fiat, líder no mercado brasileiro, registrou queda de 31,2%, enquanto a Volkswagen caiu 28,3% e a Ford, 5,9%.

As quatro maiores fabricantes do país respondem por 62% das vendas totais de automóveis e comerciais leves.

Sotaque alemão

A Volkswagen inicia nesta quinta-feira (11), campanha para o Fox Trendline 1.6, oferecido a R\$ 43.990, com 50% de entrada e 36 parcelas de R\$ 599. Na peça publicitária, um vendedor com sotaque alemão fala dos atributos dos modelos da marca, como baixo custo de manutenção e valor de revenda.

A Ford mantém promoção de taxa zero para toda a linha iniciada em maio e tem campanha especial para o Ka, oferecido com juro zero para plano em até 30 meses e 60% de entrada.

A Kia também lança campanha para alguns dos modelos importados da marca, com descontos que vão de R\$ 2 mil a R\$ 9,2 mil – o valor mais alto vale para duas versões do Soul, a U.259 e a U.260, que passam a custar R\$ 84,9 mil e R\$ 88,9 mil, respectivamente.

Férias

Todo o complexo da GM em Gravataí (RS), incluindo os fornecedores de peças instalados ao redor da montadora, vão interromper a produção entre segunda-feira e o dia 28. Com a parada, cerca de 10 mil trabalhadores entrarão em férias coletivas. Na fábrica de São Caetano, 5,5 mil funcionários ficarão em férias o mês todo.

A Fiat tem 16 mil trabalhadores afastados em Betim (MG) e a Mercedes-Benz, 7 mil em São Bernardo do Campo (SP). Já a Volkswagen para toda sua produção em São Bernardo amanhã e deixa em casa os 8 mil operários.

Economia brasileira deve encolher 1,3% neste ano, diz Banco Mundial

11/06/2015- Fonte: Gazeta do Povo

O Banco Mundial cortou a previsão de crescimento do Brasil em 2015 e para os próximos dois anos, de acordo com um relatório divulgado na quarta-feira (10), chamado "Perspectiva Econômica Global", que faz uma atualização sobre o cenário da economia mundial. A previsão para este ano é de que a economia brasileira encolha 1,3%. Em um documento anterior, divulgado em janeiro, a instituição estimava expansão de 1% para o país.

O Brasil foi o país que teve o maior corte de projeções entre as principais economias mundiais avaliadas no documento do Banco Mundial. Além do corte em 2015, a projeção para o ano que vem foi reduzida de crescimento de 2,5% previsto em janeiro para 1,1%. Para 2017, a nova estimativa é de expansão de 2% no Produto Interno Bruto (PIB), ante 2,7% do documento anterior.

"O Brasil, com o seu escândalo de corrupção no topo das atenções, tem tido pouca sorte, afundando no crescimento negativo", afirma o economista-chefe do Banco Mundial, Kaushik Basu, no texto que apresenta o relatório.

O estudo do Banco Mundial classifica de "decepcionantes" os números da atividade econômica brasileira. "Confiança frágil dos agentes, aumento dos preços administrados e baixo preço das commodities devem contribuir para uma recessão no Brasil em 2015 com uma recuperação modesta em 2016 e 2017", afirma o documento.

Além desses motivos, o relatório menciona as deficiências em infraestrutura no Brasil como outro fator impeditivo para um maior aquecimento da atividade econômica. Sem citar o nome da Petrobrás, o Banco Mundial afirma que as “investigações em curso” ajudaram a piorar a confiança dos consumidores e empresários, que atingiram níveis historicamente baixos.

A expectativa de recuperação da atividade do Brasil, ainda que modesta, em 2016 e 2017, está baseada, de acordo com o documento, na implementação do ajuste fiscal e monetário, na volta da inflação para perto da meta oficial e na melhora da confiança dos brasileiros.

América Latina

A piora da atividade no Brasil e em outros países da América do Sul, como a Venezuela, deve fazer a América Latina crescer apenas 0,4% este ano, prevê o Banco Mundial. Em janeiro, a aposta era de expansão de 1,7%. No ano que vem, a expectativa é que a taxa avance para 2%, ainda assim menor que os 2,9% estimados em janeiro.

Ainda na região, o México teve a previsão de crescimento cortada em 0,7 ponto, para expansão de 2,6% este ano. A Argentina foi uma das exceções e teve melhora na previsão de 1,4 ponto, com crescimento previsto para este ano em 1,1%. As economias da América Latina, além de enfrentarem problemas internos, ressalta o relatório, são afetadas pela queda dos preços das commodities.

Curitiba tem a maior inflação do país

11/06/2015- Fonte: Gazeta do Povo

Apesar de a inflação da Grande Curitiba ter desacelerado na passagem de abril para maio – quando foi de 1,46% para 0,76% – a capital acumula a maior variação entre todos os 13 locais pesquisados nos últimos 12 meses, com alta de 9,61% no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), informou o IBGE nesta quarta-feira (10).

O índice está acima da inflação oficial do país (8,47%) e bem acima do teto da meta do governo, de 6,5%. No acumulado ano, o IPCA da capital soma 6,40%, a maior taxa entre todas as regiões e acima da média nacional – 5,34%.

[INFOGRÁFICO: Veja a evolução da inflação em Curitiba](#)

Dos nove grupos pesquisados, oito registraram alta em maio frente a abril, com destaque para os grupos de Saúde e Cuidados Pessoais (1,97%), Vestuário (1,38%) e Despesas Pessoais (1,11%) e Artigos para Residência (0,84%), que subiram acima da inflação média do mês.

Em 12 meses, o grupo Habitação acumula alta de 21,57% e é o grande vilão da inflação na capital, puxado pelo aumento acumulado de 85,51% na tarifa de energia residencial e pelo reajuste de 18,75% do gás de cozinha.

Surpresa negativa

Sob pressão da alta dos preços dos alimentos e da energia elétrica, a inflação oficial brasileira acelerou em maio acima das expectativas do mercado e levou alguns economistas a descartarem a possibilidade de o Banco Central conseguir entregar o índice no centro da meta, de 4,5%, em 2016.

O IPCA disparou 0,74%, o maior resultado para o mês desde 2008. A taxa em 12 meses, por sua vez, subiu mais um degrau e, aos 8,47%, está no maior nível desde dezembro de 2003, informou o IBGE.

A variação do IPCA no mês passado ficou acima das expectativas dos economistas, que projetavam no máximo uma elevação de 0,68%. No mercado futuro de juros, a reação imediata foi mudar as apostas para a próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), em julho.

Até então, ainda pairava uma dúvida sobre a continuidade do ritmo de alta nos juros. Agora, mais uma elevação de 0,50 ponto porcentual na Selic, é dada como certa. Atualmente, a taxa é de 13,75% ao ano.

Para o economista da RC Consultores Marcel Caparoz, a inflação medida pelo IPCA deverá encerrar 2016 em 6,3% a despeito de todos os esforços do governo. Caparoz reconhece que o ajuste econômico tomado por empreitada pelo ministro da Fazenda, Joaquim Levy, entrou nas casas das famílias por meio da redução da demanda por serviços, mas que a inércia de uma inflação de 8,3% em 2015 – essa é a projeção da RC Consultores – vai jogar por terra a pretensão do BC de trazer a inflação para o centro da meta em 2016.

“Esse discurso do BC de que a inflação vai convergir para o centro da meta no ano que vem não é factível”, avalia Caparoz.

PREÇOS SOBEM

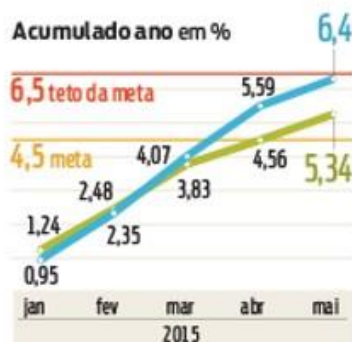
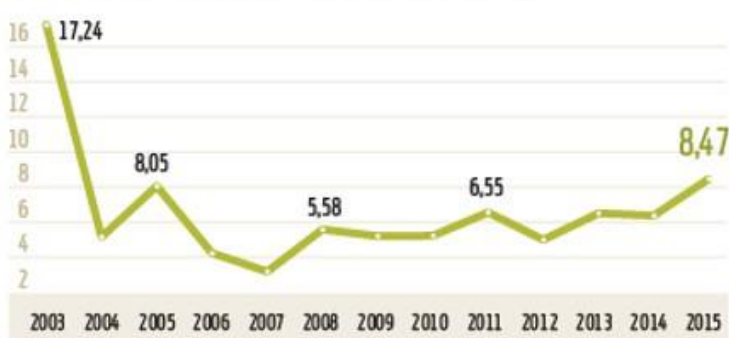
A inflação de Curitiba desacelerou em maio para 0,76%, mas ainda acumula o maior índice no acumulado em 12 meses, com 9,61%, acima do IPCA nacional, que ficou em 8,47%:

— Brasil — Curitiba

Inflação mensal em %



Acumulado em 12 meses em maio de cada ano em %



Inflação mensal em 2015 por grupo de pesquisa em %



GM concede férias coletivas a mais 9 mil empregados no Brasil

11/06/2015- Fonte: Gazeta do Povo

A General Motors (GM) concedeu férias coletivas a partir do próximo domingo para cerca de nove mil empregados de sua fábrica na cidade de Gravataí, no Rio Grande do Sul, para adequar sua produção à queda da demanda, informou nesta quarta-feira (10) a Força Sindical.

Os empregados foram comunicados da medida hoje, que era negociada com o Sindicato de Metalúrgicos de Gravataí há algumas semanas para evitar demissões, segundo a Força Sindical, a segunda maior central sindical do país.

As férias se estenderão até 29 de junho e permitirão à GM reduzir a produção de veículos novos diante da falta de compradores, já que há 16 mil unidades paradas nessa unidade, que produz 55 veículos dos modelos Celta, Prisma e Ônix por hora.

A fábrica da GM em Gravataí, cidade na região metropolitana do Porto Alegre, era a única das três da multinacional no Brasil que não tinha adotado medidas para reduzir a produção.

Nas outras duas fábricas a GM adotou o 'lay off', sistema que permite suspender temporariamente o contrato de parte dos empregados com redução de seus salários.

"Por enquanto não houve demissões em Gravataí, mas o clima é de muita preocupação. A empresa espera uma recuperação só a partir de dezembro e a incerteza dos trabalhadores (com possíveis demissões) é total", afirmou o tesoureiro do Sindicato dos Metalúrgicos de Gravataí, Gualberto Cetrullo.

Cenário negativo

Segundo dados divulgados esta semana pela Associação Nacional de Fabricantes de Veículos (Anfavea), a forte queda das vendas de automóveis no Brasil obrigou os fabricantes a demitirem funcionários, conceder férias coletivas ou licenças para reduzir a produção.

De acordo com a Anfaeva, o setor automotivo empregava em maio 138.200 pessoas, contração de 1% em relação a abril e de 9,2% em comparação com maio de 2014.

Além disso, outros 25 mil funcionários do setor estavam em maio de férias, de licença ou com o contrato provisoriamente suspenso.

"Temos, sem dúvida alguma, um excedente de pessoas em nossas fábricas. O nível de emprego é equivalente a 2010 e 2011, enquanto o nível de produção é de 2006 e 2007", afirmou o presidente da Anfavea, Luiz Moan.

O Brasil produziu 210.086 veículos em maio deste ano, redução de 25,3% comparado com maio do ano passado, e no acumulado dos primeiros cinco meses de 2015 fabricou um milhão de unidades, número 19,1% inferior ao do mesmo período de 2014.

A queda da produção é reflexo da diminuição das vendas e das dificuldades econômicas que o país atravessa.

VSB paralisará laminador de tubos de aço sem costura

11/06/2015- Fonte: INDA

A Nippon Steel & Sumitomo Metal Corp – NSSMC confirmou esta semana que paralisará por durante dois meses o laminador de tubos de aço sem costura na Vallourec & Sumitomo Tubos do Brasil - VSB.

De acordo com o porta-voz da empresa, a decisão foi tomada diante da estagnação da demanda por tubos e se manterá até melhorar as condições do mercado.

“O baixo preço do petróleo provocou a redução do interesse dos nossos clientes para o desenvolvimento de projetos que exigem tubos e o consumo está mais baixo que o esperado”, disse o porta-voz.

No entanto, mesmo diante da paralisação do laminador, a VSB manterá a operação dos dois altos-fornos.

A VSB tem capacidade de produção de 1 milhão de toneladas de aço bruto, sendo 900.000 t/ano de tarugos redondos. Deste total, 600.000 t/ano são convertidos em tubos sem costura, e a produção é dividida igualmente entre a Vallourec e a NSSMC.

Tuper investe em linha própria para revestimento de tubos

11/06/2015- Fonte: CIMM

Única empresa de capital 100% nacional entre as grandes fabricantes instaladas no Brasil a produzir tubos de aço API reconhecidos pela indústria internacional de petróleo, a Tuper conta agora com uma linha própria exclusiva para o revestimento de tubos.

Com investimento de aproximadamente \$ USD 5 milhões e 35 novos empregos diretos, a unidade instalada em São Bento do Sul (SC) tem capacidade para revestir 42 mil toneladas de tubos por ano.

Os primeiros 570 metros de tubos revestidos pela Tuper foram entregues ao cliente SC Gás para aplicação nas obras do Gasoduto Serra Catarinense. De acordo com o diretor da Unidade de Negócios da Tuper, Sergio Ricardo Pinto Ferreira, a linha própria de revestimentos permite que a empresa seja a responsável por todas as etapas do fornecimento.

“Com isso, ficamos mais competitivos, ampliamos a garantia de qualidade e conseguimos melhores prazos de entrega, pois todo o processo é feito internamente”, diz.

Além do fornecimento para o mercado interno, a Tuper vislumbra novos negócios com o exterior e mantém seu foco nas exportações para os países da América do Sul. Com proteção anticorrosiva, os tubos revestidos são utilizados principalmente na condução de óleo, gás e derivados, água e aplicações industriais e civis.

CSN produz vergalhão usando placa de aciaria LD

11/06/2015- Fonte: Portal Metálica

Uma mescla de equipamentos e processos consolidados no mercado siderúrgico internacional, aliada a novas tecnologias de fabricação de fio máquina com placas da aciaria LD, caracterizam a infraestrutura da planta de aços longos da CSN. Um forno elétrico a arco de ultra alta potência, equipado com três queimadores e duas lanças

supersônicas, lidera a área de aciaria de nova unidade produtiva, integrada à usina Presidente Vargas, em Volta Redonda (RJ).

Essa aproximação entre duas rotas tecnológicas diferentes de produção de aço possibilitou a incorporação de diversas sinergias à planta de longos. A aciaria, que é abastecida com 298 mil toneladas/ano de sucata reciclada e 127 mil toneladas/ano de ferro-gusa, além de outros metálicos e fundentes, conta também com uma máquina de lingotamento contínuo equipada com torre giratória, agitador eletromagnético e sistema de troca rápida.

A torre giratória possibilita menor tempo de sequenciamento entre corridas e de manobras da ponte rolante.

Indústria de produtos em aço inox fecha unidade no bairro Serraria

11/06/2015- Fonte: Diário do Grande ABC

A D&D Company, fabricante de produtos em aço inoxidável, decidiu fechar unidade da empresa no bairro Serraria, em Diadema. Com isso, toda a produção será concentrada na planta principal, no Jardim Marilene, no mesmo município.

Segundo Fabio Linhares, do departamento de marketing da D&D, a desativação tem como objetivo reduzir gastos com a unidade física, como aluguel, eletricidade, telefonia, entre outras despesas.

Os 14 funcionários que trabalhavam na filial do Serraria serão incorporados à fábrica principal – onde atuam cerca de 140 pessoas – e, portanto, não serão demitidos. Linhares garante que, com a alteração, a empresa, que funciona há 17 anos, fica mais competitiva. A companhia possui clientes no Brasil e na América Latina.

Vale prevê custo da tonelada do minério entre US\$ 37 e US\$ 41

11/06/2015- Fonte: Valor Econômico

A Vale deu ontem um sinal de que continua focada no esforço de redução de gastos. A empresa indicou, em apresentação a investidores em Belo Horizonte, que o custo de produção do minério de ferro entregue na China deve ficar, na média de 2015, entre US\$ 37 e US\$ 41 por tonelada.

No primeiro trimestre, o custo registrado pela empresa foi de US\$ 43 por tonelada. No Rio, o presidente da Vale, Murilo Ferreira, reafirmou seu otimismo com o mercado chinês:

"Acho que vamos ter um segundo semestre na China melhor do que o primeiro." Ele citou como bons sinais as quedas na taxa de juros desde o fim de 2014 e a redução dos níveis de depósitos compulsórios feita pelo governo chinês.

Em meio à valorização do minério de ferro, ao fortalecimento do dólar e às declarações de Ferreira, a Vale terminou o dia, ontem, como uma das principais altas da BM&F Bovespa.

As ações ordinárias subiram 6,16%, para R\$ 21,21, enquanto as preferenciais avançaram 4,77% e terminaram o pregão em R\$ 17,80.

O preço do minério chegou a US\$ 65,10 por tonelada ontem, alta de 1,9%, por força da alta do dólar e pela continuidade do repique pelo qual a commodity passa nas últimas semanas.

O mercado permanece cético, contudo, em relação a um período mais estendido de melhora na cotação.

Ferreira afirmou, antes de participar de um seminário sobre os Brics na Fundação Getúlio Vargas (FGV), que a produção de minério de ferro de alta qualidade pela China vai cair este ano.

Era de 350 milhões de toneladas, há dois anos, passou para 240 milhões em 2014, e deverá fechar este ano abaixo dos 200 milhões. Disse que o mercado transoceânico de minério de ferro deve crescer de 1,39 bilhão de toneladas, no ano passado, para 1,44 bilhão de toneladas neste ano.

Produção de minério na China deve ficar em patamar inferior a 200 mi de toneladas este ano, previu Ferreira

Para Jessica Fung, analista de mineração da BMO Capital Markets, um corte tão relevante na capacidade chinesa é improvável.

Até agora no ano, ela projeta redução de no máximo 8%, e lembra que uma redução maior teria de vir das grandes produtoras locais, "o que não faz muito sentido".

"Ainda acreditamos que os preços vão cair mais a curto prazo, com a entrada no mercado de produção da Austrália e do Brasil, especialmente depois de algumas restrições de oferta em abril e maio."

Na apresentação para investidores, em Belo Horizonte, em evento da Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais (Apimec), a Vale também reduziu sua estimativa para o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) do negócio de metais básicos.

A previsão do Ebitda dos metais básicos em 2015 e em 2016 caiu de um patamar entre US\$ 4 bilhões e US\$ 6 bilhões para uma faixa entre US\$ 3,1 bilhões e US\$ 4,6 bilhões.

No mercado, os novos números foram considerados mais realistas pois ninguém mais acreditava na faixa de Ebitda anterior, divulgada no fim do ano passado, disse um analista.

A empresa também informou que quer chegar em 2018 com investimentos de US\$ 4 bilhões. Em 2015, o nível de gastos de capital será de US\$ 9 bilhões, caindo para US\$ 7 bilhões no ano que vem e para US\$ 5 bilhões em 2017.

A previsão inicial para este ano era de um investimento pouco superior a US\$ 10 bilhões, segundo orçamento aprovado no fim de 2014. As novas estimativas consideram um dólar médio de R\$ 3.

Segundo a apresentação, o menor investimento se dará por conta da conclusão do projeto ferro S11D, de Carajás, no Pará, e do empreendimento de carvão em Moçambique. A Vale também disse que deve gerar de US\$ 6 bilhões a US\$ 7 bilhões em caixa com vendas de ativos em 2015.

A venda de ativos é importante para a Vale para cobrir um fluxo de caixa negativo este ano, segundo projeções, resultante da perda de receita provocada pela queda nos preços do minério de ferro.

Vale projeta queda na produção de minério ferro de alta qualidade na china em 2015

11/06/2015- Fonte: Reuters

A China deverá reduzir sua produção de minério com alta concentração de ferro em 2015 para menos de 200 milhões de toneladas, ante 240 milhões de toneladas em 2014, estimou nesta quarta-feira o presidente-executivo da mineradora Vale, maior produtora global de minério, Murilo Ferreira.

O comércio transoceânico global de minério de ferro, segundo o executivo, deverá aumentar para 1,44 bilhão de toneladas de minério de ferro este ano, ante 1,39 bilhão de toneladas no ano passado.

As estimativas foram feitas pelo executivo ao conversar com jornalistas, antes de um evento no Rio de Janeiro.

As referências dadas por ele, no entanto, acabaram sendo corrigidas posteriormente pela assessoria de imprensa da Vale.

Ferreira avaliou que o setor siderúrgico chinês deve apresentar melhora no segundo semestre, em relação ao primeiro.

O otimismo, segundo o executivo, tem como base as reduções das taxas de juros na China, entre outros estímulos.

O presidente da Vale destacou que apesar da redução dos preços do minério nos últimos meses, a empresa não aumentou sua dívida e "difícilmente" a companhia vai realizar emissões em dólar ou em euro neste ano.

Entretanto, ponderou que caso a empresa tenha uma oportunidade interessante, pode utilizá-la para melhorar o perfil de sua dívida.

"Pode eventualmente até surgir alguma janela de oportunidade e a gente substituir dívida, como a gente está falando, por uma dívida mais competitiva, mas dificilmente a gente vai no mercado americano ou europeu", afirmou o executivo. "Não vamos aumentar dívida."

Mercado global de minério deve crescer 3,5% em 2015, prevê Vale

11/06/2015- Fonte: Valor Econômico

O mercado transoceânico de minério de ferro deve crescer de 1,39 bilhão de toneladas em 2014 para 1,44 bilhão neste ano, de acordo com previsão do presidente da Vale, Murilo Ferreira.

Antes de participar de um seminário sobre os Brics, na Fundação Getulio Vargas (FGV), no Rio, Ferreira mostrou otimismo na relação com a China, principal importador da commodity.

"Acho que vamos ter um segundo semestre na China melhor do que o primeiro", afirmou.

O presidente da Vale citou como bons sinais as três reduções na taxa de juros e a redução dos níveis de depósitos compulsórios feitos pelo governo chinês.

Ferreira mencionou ainda a previsão de que a produção de minério de ferro de alta qualidade pela China deve cair neste ano.

Era de 350 milhões de toneladas há dois anos, passou para 240 milhões em 2014 e deverá fechar neste ano abaixo dos 200 milhões de toneladas.

Sobre a venda de ativos, afirmou que haverá surpresas, sem entrar em detalhes.

Importação de minério no mercado transoceânico atingirá 1,44bi/t, diz vale

11/06/2015- Fonte: Isto É Dinheiro

A Vale trabalha com uma perspectiva de que a comercialização de minério de ferro no mercado transoceânico atinja 1,44 bilhão de toneladas em 2015, maior que a de 1,39 bilhão de toneladas do ano passado.

A estimativa foi feita pelo presidente da mineradora, Murilo Ferreira, ao participar de evento na FGV nesta manhã, no Rio.

A China representa a maior fatia desse mercado global e pela estimativa apresentada por Ferreira o país deve importar este ano 987 milhões de toneladas da commodity. No ano passado, o total importado pela China foi de 946 milhões de toneladas de minério de ferro, de maneira geral.

Para competir em um mercado com excesso de oferta, a Vale busca se firmar como o fornecedor de minério de mais alta qualidade, apontando que o uso de um minério de mais alto teor de ferro favorece a redução de poluentes, uma das metas chinesas.

Fiat-GM dominaria 38% das vendas no país

11/06/2015- Fonte: Valor Econômico

Notícias recentes sobre a investida da Fiat Chrysler Automobiles (FCA) em direção a uma fusão com a americana General Motors (GM) levantaram a possibilidade do surgimento de uma líder gigante da indústria automobilística mundial, com fortes implicações na configuração e nas relações de força do mercado brasileiro.

Unidas, Fiat e GM - respectivamente, a primeira e a segunda marca do mercado nacional - teriam 38% das vendas de carros no Brasil, com três dos cinco modelos mais vendidos (Palio, Onix e Uno) e produção conjunta de 1,26 milhão de veículos - ou 40% do volume de carros de passeio e utilitários leves montados no país em 2014.

Em escala global, a fusão entre a terceira (GM) e a sétima (FCA) maior fabricante de automóveis do mundo criaria um grupo com vendas anuais próximas de 15 milhões de veículos e faturamento conjunto de US\$ 272,6 bilhões, suplantando a hoje líder Toyota, dona de uma receita anual de US\$ 227 bilhões e vendas de, em 2014, 10,2 milhões de carros.

Os benefícios mais visíveis e também imediatos da aliança viriam dessa nova escala, dizem analistas. Ganha-se inteligência com a soma de conhecimentos no desenvolvimento de produtos, bem como, na área de compras, maior poder para barganhar até mesmo com os gigantes do setor de tecnologia no momento em que as montadoras entram na era da conectividade.

Ao mesmo tempo, ao compartilhar plataformas e integrar equipes, Fiat e GM conseguiriam cortar custos para enfrentar com rentabilidade os ciclos recessivos do mercado.

O tamanho da nova empresa, porém, causa dúvidas se a operação conseguiria passar por órgãos antitruste sem restrições e contestações por concorrentes. Para José Del Chiaro, advogado especialista em Direito Concorrencial, um dos riscos no Brasil seria o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) cobrar a aposentadoria ou licenciamento a terceiros de produtos em faixas de mercado onde as marcas têm maior concentração, em especial nas linhas mais populares.

"Não consigo imaginar a aprovação desse negócio sem desinvestimentos. Pode haver tantas restrições que a fusão poderia deixar de ser interessante", afirma Del Chiaro, primeiro Secretário de Direito Econômico (SDE) do governo federal e que hoje tem a Volkswagen em sua carteira de clientes.

Para alguns analistas, o choque cultural também pode ser um óbice na integração das empresas, inseridas numa indústria em que não faltam exemplos de fusões malsucedidas, como a frustrada união da alemã Daimler com a americana Chrysler entre 1998 e 2007.

No início da década passada, Fiat e GM tiveram uma experiência amarga quando constituíram uma joint venture para compartilhar custos e tecnologia de motores. Cinco anos depois do anúncio e em meio a uma grave crise financeira da Fiat, a GM teve de desembolsar US\$ 1,99 bilhão para deixar o negócio em 2005.

Sergio Marchionne, o italiano que comanda a FCA, está à frente da nova incursão da montadora ítalo-americana. Após ter sua proposta de fusão rejeitada pela direção da GM, ele tem buscado o apoio de investidores a seu projeto de consolidação, conforme noticiou o "The Wall Street Journal".

Em resposta, a chefe global da GM, Mary Barra, argumentou nesta semana que a união das montadoras não produziria grandes efeitos em termos de escala e interromperia os esforços do grupo em melhorar suas próprias operações.

Letícia Costa, especialista do Insper no setor, avalia que a fusão traria ganhos imediatos em compras conjuntas, uma área onde há menor conflito de culturas. Já a unificação de plataformas, que exigiria investimentos pesados e uma decisão sobre qual base tecnológica seguir, poderia ser foco de maior resistência interna.

Para ela, a Fiat, que tem forte presença nos segmentos mais populares de carros compactos, se beneficiaria no Brasil por uma oferta mais ampla permitida pelo portfólio da GM.

Já o consultor Luiz Carlos Mello, do Centro de Estudos Automotivos (CEA), afirma que as duas empresas teriam "vantagem extraordinária" no país com a união das forças de compra e redes de vendas.

Produção de motos é a pior em dez anos

11/06/2015- Fonte: Valor Econômico

A produção de motocicletas no país cai em 2015 para o pior nível em uma década, segundo balanço divulgado ontem pela Abraciclo, a entidade que abriga as montadoras desse veículo, cujas fábricas estão concentradas na Zona Franca de Manaus.

De janeiro a maio, o setor de duas rodas produziu 582,5 mil motos, o que significa uma queda de 16,2% frente a 2014 e o pior volume desde 2005, quando foram montadas 495,1 mil motocicletas em igual período.

Somente em maio, a produção - de 119,3 mil unidades - ficou 12,3% abaixo da registrada no mesmo mês de 2014. O desempenho reflete a baixa de 11,9%, na mesma base de comparação, das vendas no atacado - ou seja, das montadoras para as concessionárias -, que somaram 110 mil motocicletas no mês passado.

O resultado leva para 12,3% a queda nas entregas às lojas desde o início do ano. No total, 558 mil motos foram vendidas nos cinco primeiros meses de 2015, o que significa um retrocesso ao nível de 2006: 524,9 mil em igual período.

"A instabilidade macroeconômica, atrelada à falta de confiança do consumidor, reforça o momento de cautela", afirmou, em nota, Marcos Fermanian, presidente da Abraciclo.

O balanço mostra ainda que as exportações de motos somaram 3,7 mil unidades no mês passado, quase metade das 7 mil unidades de um ano antes. De janeiro a maio, foram embarcadas 12,8 mil motocicletas, volume 68,5% abaixo do registrado no mesmo período de 2014.

Sexto maior produtor mundial desse veículo, o Brasil tem uma frota de mais de 20 milhões de motocicletas.

Inflação acumula alta de 8,47% em 12 meses, maior índice desde 2003

11/06/2015- Fonte: Valor Econômico

Pressionada pelos alimentos e pela energia elétrica, a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) voltou a acelerar em maio e registrou alta de 0,74%.

Em abril, a taxa havia sido de 0,71%. Com o resultado, o IPCA acumula altas de 5,34% no ano e de 8,47% em 12 meses - ambos os maiores índices desde 2003. As informações foram divulgadas nesta quarta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O resultado de maio veio acima do intervalo das estimativas dos analistas ouvidos pelo AE Projeções, que esperavam uma taxa entre 0,50% e 0,68%, com mediana de 0,59%.

A principal pressão veio dos alimentos, que respondem por quase 25% do orçamento das famílias brasileiras. "Os alimentos subiram bastante em praticamente todas as regiões. Isso significa que as pessoas pagaram mais em suas compras em maio.

Em alguns locais, os preços dos alimentos já subiram mais de 10% nos últimos 12 meses", afirma a coordenadora de Índices de Preços do IBGE, Eulina Nunes dos Santos.

O tomate voltou a ser o vilão da inflação, acrescentou a coordenadora. O item tem um peso grande no orçamento e subiu 21,38% em maio. No ano, a alta do tomate chega a 80,42%.

"São itens muito sensíveis ao clima, os ciclos de produção são curtos, e as chuvas têm prejudicado. A umidade gera uma praga, e os produtores têm argumentado que os custos para combater essa praga são altos.

Então, temos oferta menor com custo maior", disse Eulina. A cebola também pressionou o índice do mês passado. O item ficou 35,59% mais caro em maio, enquanto a alta no ano chega a 100,45%.

No caso das carnes, a alta de 2,32% no IPCA de maio é explicada pelas exportações e pela estiagem. "Como dólar sobe, mesmo que o consumo interno não esteja respondendo muito, as exportações são muito atrativas. Então, o preço da carne vem subindo. Os pecuaristas argumentam também que a seca prejudicou o pasto, então o gado está mais magrinho", explicou a coordenadora.

Outro item de peso na cesta básica das famílias, o pão francês ficou 1,60% mais caro no mês passado. Embora o valor individual seja baixo, Eulina lembrou que se trata de um produto comprado quase diariamente pelos brasileiros. "O pão francês vem sendo afetado pelo trigo, sob influência do dólar", disse.

Energia mais cara. Embora os alimentos tenham sido a principal pressão, a energia elétrica também contribuiu para impulsionar o IPCA de maio, segundo Eulina. No mês passado, a energia elétrica ficou 2,77% mais cara, adicionando sozinha 0,11 ponto porcentual à alta de 0,74% do índice.

Em função de reajustes anuais, tiveram aumentos na energia elétrica Recife (12,20%), Salvador (12,07%), Fortaleza (5,20%), Porto Alegre (3,94%), Belo Horizonte (3,76%) e Campo Grande (0,85%). Em outras regiões, porém, houve alta nas tarifas em função de alteração nos impostos.

"É o caso da região metropolitana de Vitória, onde as alíquotas do PIS/COFINS tiveram elevação de 529,25%", destacou o IBGE. A região liderou os reajustes em função de impostos, com alta de 10,38% no preço da energia.

Com a alta de maio, a energia elétrica já subiu 41,94% no ano. Nos últimos 12 meses, as contas já estão 58,47% mais caras. O item energia elétrica ainda ajudou a impulsionar o grupo Habitação, que subiu 1,22% em maio, segundo principal impacto no IPCA do mês (0,19 ponto porcentual).

Reajuste dos remédios. O reajuste dos medicamentos autorizado pelo governo levou o item a ficar 1,64% mais caro no IPCA de maio. Com isso, o grupo Saúde e Cuidados Pessoais subiu 1,10% no mês passado. No ano, os remédios já ficaram 5,35% mais caro.

"O aumento é reflexo da aplicação dos reajustes de 5,00%, 6,35% ou 7,70%, conforme o nível de concentração no mercado, em vigor desde o dia 31 de março", destacou o órgão.

Ainda no grupo de Saúde e Cuidados Pessoais, outros itens destacaram-se em maio, como artigos de higiene pessoal (1,07%), serviços laboratoriais e hospitalares (1,04%), plano de saúde (0,77%) e serviços médicos e dentários (0,75%).

Câmbio ajuda indústria a manter preço mais baixo que importado

11/06/2015- Fonte: Valor Econômico

A desvalorização do real e a redução dos custos tributários no primeiro trimestre deste ano ajudaram a indústria brasileira a recuperar margem e, pela primeira vez desde 2009, manter preços inferiores ao dos bens importados.

Ao contrário daquele ano, contudo, a recuperação da competitividade da indústria já dura mais do que dois trimestres, segundo dados da pesquisa de custos industriais da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que considera o ano de 2006 como base 100.

A pesquisa mostra que entre meados de 2013 e o fim de 2014, os bens nacionais e importados andaram juntos e depois, na virada de 2014 para 2015, os importados ficaram mais caros.

De acordo com a pesquisa, desde 2006 a indústria não vivia um trimestre tão favorável na combinação de margem de lucro e competitividade em relação aos importados. Na comparação com o mesmo período do ano passado, os custos industriais subiram 3%, puxados pela alta da energia elétrica e dos salários, mas ajudados pela queda do peso dos tributos.

A indústria, porém, conseguiu repassar todo esse aumento de custos e mais um pouco, o que lhe permitiu recuperar margem de lucro. O setor aumentou os preços em 4%, em média, na comparação com o primeiro trimestre de 2014, enquanto os manufaturados importados aumentaram 13,2% em reais, o que os tornou mais caros que os produtos domésticos.

O gerente de pesquisa e competitividade da CNI, Renato da Fonseca, observa que o ano de 2006 é a base da pesquisa, mas não necessariamente o melhor ano para o setor. Feita essa ressalva, diz que a recuperação da competitividade da indústria frente aos importados começou em meados de 2013, influenciada pela desvalorização do real.

Depois de alguns trimestres de maior equilíbrio entre os preços domésticos e de bens importados, os itens produzidos no Brasil ficaram mais competitivos e isso aconteceu com recuperação de preço e margem no mercado local.

O câmbio, diz ele, foi fundamental para esse processo, o que é diferente de dizer que a desvalorização da moeda brasileira "resolveu tudo". E o ganho de competitividade, diz ele, aconteceu tanto na importação como na exportação, pois os preços domésticos estão menores (sempre tomando 2006 como base de comparação) que os preços de manufaturados no mercado americano.

Fonseca observa que essa situação abre espaço, no futuro, para uma recuperação de mercados no exterior e para substituição de importação no mercado doméstico. O desafio, acrescenta, é que existem aumentos de custos contratados para este segundo trimestre, como o repasse dos insumos importados ao longo da cadeia de produção local, o aumento de energia (que provocou aumentos de custos ainda não repassados) e os efeitos das políticas monetária (juros mais altos) e fiscal (aumento de impostos).

A carga tributária, aliás, foi um componente importante para um aumento de custos relativamente comportado no início de 2015. Os custos subiram 3%, abaixo da alta de 7,6% registrada entre os inícios de 2013 e 2014. O custo tributário caiu 2,7% em relação aos primeiros três meses de 2014, principalmente pela redução de 4% na contribuição previdenciária.

A perspectiva de reversão de parte desse benefício (conforme pretendido pelo governo e em votação no Congresso Nacional) também reforça a avaliação de que os custos industriais tendem a subir nos próximos trimestres.

Se os custos industriais tendem a subir e seu repasse para os preços domésticos pode ser contido pela atividade em queda, os preços dos importados, por outro lado, podem ficar mais estáveis, reduzindo parcialmente o cenário positivo de competitividade observado no primeiro trimestre deste ano.

Os ganhos sobre o volume exportado e uma eventual substituição de importação, pondera Fonseca, demoram e dependem de uma competitividade mais duradoura.

"Se a carne fica mais cara, um consumidor rapidamente a substitui por frango. Mas substituir um fornecedor é mais demorado, leva mais tempo, depende de contratos de longo prazo", pondera.

Economia brasileira segue atrativa, diz Goldman Sachs

11/06/2015- Fonte: O Estado de S.Paulo

O Brasil segue atrativo para os investidores, apesar do cenário econômico perverso que combina inflação elevada e recessão. Na avaliação do presidente do banco americano Goldman Sachs, Gary Cohn, superada a crise financeira de 2008-2009, as companhias estão buscando uma expansão geográfica por meio de fusões e aquisições – e o Brasil passa por esse movimento. "Depois de passar pela crise, as empresas estão buscando se expandir geograficamente", diz Gary Cohn, presidente do Goldman Sachs.

A elevada taxa de juros reais (já descontada a inflação) também se tornou um fator substancial de atração da economia brasileira – na semana passada, o Banco Central elevou a taxa básica de juro (Selic) em mais 0,50 ponto porcentual, para 13,75% ao ano.

A nova alta reforçou a posição do Brasil de ter o juro real mais elevado do mundo num momento em que grandes economias têm um juro real negativo. "O Brasil é um dos poucos países com taxas de juros positivas", afirma Cohn. "Estamos no mundo da renda fixa. É difícil ignorar essa oportunidade (da taxa de juros real)", diz.

Em dezembro do ano passado, segundo dados do Banco Central, o ativo total do Goldman Sachs era de R\$ 5,966 bilhões. Em dezembro de 2013, o montante somava U\$ 4,874 bilhões.

Para Cohn, o crescimento econômico em todo o mundo – e não só no Brasil – deixou a desejar. Mas ele acredita que os programas de estímulos promovidos por bancos centrais, como o Europeu, por exemplo, começaram a surtir efeito na economia, o que pode ser um sinal de recuperação.

"Estamos vendo uma economia global que não está criando o tipo de crescimento que nós gostaríamos de ver", disse. "Os programas de quantitative easing (estímulos) que os bancos centrais fizeram começaram a funcionar. E os nossos clientes estão reagindo a isso. E isso cria oportunidade para nós. Na América Latina e no Brasil não é diferente."

Recuperação. Na avaliação do banco, a mudança nas políticas monetária e fiscal adotadas pela nova equipe econômica devem trazer de volta o crescimento do Brasil.

"A preocupação com a possibilidade de o Brasil perder o grau de investimento diminuiu significativamente por causa das medidas adotadas", disse Paulo Leme, presidente do Goldman Sachs.

"No curto prazo, a economia vai passar por um ajuste, que significa uma atividade econômica menor, mas isso prepara a economia para uma perspectiva de recuperação no próximo ano."

Preços de insumos importados e da energia puxam a alta de 0,8% nos custos da indústria

11/06/2015- Fonte: CNI

A valorização do dólar diante do real, que encareceu os insumos importados, e a alta dos preços da energia puxaram o aumento de 0,8% nos custos da indústria brasileira nos primeiros três meses deste ano em relação ao último trimestre de 2014.

No mesmo período, os preços dos produtos industrializados no mercado interno subiram 1,5%, o que permitiu a recomposição das margens de lucro das empresas, informa o estudo divulgado nesta quarta-feira (10), pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, o indicador de custos industriais teve alta de 3,0%, enquanto que os preços dos manufaturados aumentaram 4%. O Indicador de Custos Industriais é formado pelo custo tributário, pelo custo de capital de giro e pelo custo de produção.

No primeiro trimestre, o custo tributário caiu 3,3%, o de capital de giro subiu 6%, e o de produção aumentou 1,8% em relação ao período imediatamente anterior. O custo de produção é calculado a partir da evolução dos custos com energia, pessoal e bens intermediários.

O custo com energia aumentou 8,7% nos primeiros três meses deste ano frente ao último trimestre de 2014. Na comparação com o primeiro trimestre de 2015, teve uma alta de 28,4%.

"Esse aumento foi resultado de uma expansão de 36,1% no custo com energia elétrica e de 7,4% no custo com óleo combustível", diz o estudo. "O aumento no custo com energia elétrica no último ano mais do que compensou a redução verificada entre 2012 e 2013", observa a CNI.

De acordo com o gerente-executivo da Unidade de Pesquisa e Competitividade da CNI, Renato da Fonseca, a expectativa é que os custos industriais continuem subindo. Ouça: **CÂMBIO E COMPETITIVIDADE** - Além disso, o custo de produção sofreu os efeitos da desvalorização do real.

O custo dos bens intermediários aumentou 1,4% no primeiro trimestre de 2015 em relação ao período imediatamente anterior. Essa alta foi impulsionada pela elevação de 8,2% nos custos com produtos intermediários importados.

O câmbio também foi responsável pela elevação de 5,6% registrada no preço dos produtos industrializados importados. "Como os custos industriais cresceram 0,8%, os produtos manufaturados brasileiros se tornaram mais competitivos", avalia o estudo.

Anfavea reduz estimativa de produção e vendas de 2015

11/06/2015- Fonte: CNI



Previsões

Autoveículos (automóveis, comerciais leves, caminhões, ônibus)

	Mil unidades	2014	2015	Variação
Produção	Total Veículos	3.146	2.585	-17,8%
	Veículos leves	2.973	2.468	-17,0%
	Veículos pesados	173	118	-32,0%
Licenciamento	Total Veículos	3.498	2.779	-20,6%
	Veículos leves	3.333	2.682	-19,5%
	Veículos pesados	165	97	-41,0%
Exportações	Total Veículos	334	338	+1,1%
	Veículos leves	310	313	+1,0%
	Veículos pesados	24	25	+2,7%

Na segunda-feira, durante a divulgação do balanço mensal do setor automobilístico, a Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) apresentou nova

revisão de suas previsões para 2015. A nova estimativa é de queda de 20,6% no licenciamento e de 17,8% na produção de veículos – anteriormente, em abril, a entidade estimava queda na produção de 10% no ano.

“A expectativa de mercado e a confiança dos consumidores e empresários continuam abaladas, influenciadas diretamente pelo arrocho do crédito e pela espera da conclusão do ajuste fiscal na economia”, comentou Luiz Moan, presidente da entidade. “Estes fatores nos levaram a revisar as projeções para 2015 em todos os segmentos”.

Automóveis - De acordo com a associação, a indústria fechou maio com 210,1 mil veículos produzidos, o que significa retração de 3,4% na comparação com as 217,6 mil unidades de abril e de 25,3% na comparação com o mesmo mês do ano passado. No acumulado do ano, a queda é de 19,1% com 1,1 milhão de unidades este ano e 1,3 milhão de unidades em 2014.

Em maio foram exportados 40,8 mil veículos com alta de 41,7% sobre abril e de 16,5% sobre maio de 2014. No acumulado do ano o resultado aponta expansão de 3%: 149,3 mil unidades em 2015 e 144,9 mil no ano passado.

Caminhões e ônibus - A produção de caminhões em maio foi de 6,2 mil caminhões, 10,1% a menos do que em abril, quando o segmento encerrou o mês com 6,9 mil unidades, e 51,4% inferior com relação as 12,7 mil de maio de 2014. De janeiro a maio de 2015 a produção somou 36,3 mil unidades, 46,4% abaixo das 67,8 mil de mesmo período em 2014.

Os fabricantes de caminhões exportaram no quinto mês do ano 2,1 mil unidades, alta de 29,1% em relação a abril, com 1,7 mil, e acréscimo de 35,5% contra as 1,6 mil de maio do ano anterior. No acumulado as exportações somam 8,2 mil unidades, 5,9% acima em relação ao volume de um ano atrás, com 7,7 mil caminhões.

No segmento de ônibus a produção de chassis chegou a 2,3 mil unidades: elevação de 12,5% em relação as 2,1 mil unidades de abril e redução de 31,6% ante as 3,4 mil de maio de 2014. Até maio deste ano foram fabricados 12,1 mil chassis, 27,6% menos que no mesmo período do ano passado. De janeiro a maio foram exportadas 2,6 mil unidades, diminuição de 2,4% ante as 2,7 mil do ano anterior.

ZF nacionaliza eixos para máquinas de construção

11/06/2015- Fonte: CNI



A ZF anuncia a fabricação nacional das linhas de eixos Multisteer MS-B 3000 e Multitrac MT-B 3000, que equipam máquinas de construção. Com a nacionalização, a empresa estreia uma nova linha de produção destinada exclusivamente para o setor em sua unidade localizada em Sorocaba (SP). O anúncio foi feito na terça-feira, 9, durante a 9ª

Feira e Congresso Internacionais de Equipamentos de Construção, que será realizado até o dia 13 em São Paulo.

Segundo Paulo Vecchia, gerente de vendas, pós-vendas e projetos da ZF no Brasil, o setor de construção representa o mercado de maior demanda de eixos no País, com a produção aproximada de 10 mil retroescavadeiras por ano, que por sua vez necessitam de 20 mil eixos, entre dianteiros e traseiros.

Esses equipamentos atendem os diversos pilares da economia nacional, principalmente a construção civil de pequeno e grande porte, infraestrutura e o setor agrícola.

Com a nacionalização, a empresa prevê aumentar sua participação com o fornecimento de eixos no segmento de retroescavadeiras na América do Sul, além de ingressar em outros segmentos do mercado de máquinas de construção.

“A quantidade de solicitações por conteúdo local foi um fator decisivo para que a ZF localizasse os eixos, que até então eram produzidos por outras plantas da empresa no exterior”, reforça Silvio Furtado, diretor da unidade de Tecnologia Industrial na América do Sul.

Em Sorocaba, a nova linha de produção já trabalha em regime de pré-série com SOP (start of production) previsto para o terceiro trimestre deste ano.

Os modelos da linha de transmissões WG90, também parte do portfólio da ZF para o mercado de construção, continuará a ser importado.